



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

AS FACES DO FENÔMENO REPROVAÇÃO

Alina Kadígina da Silva Barros;

FACNORTE/IBEA
(alina.kadigina@gmail.com)

Ronaldo Vieira Cabral.

FACNORTE/IBEA
(ronaldovieiracabral@gmail.com)

Resumo: A reprovação escolar é um problema ainda muito presente na educação brasileira e que alarga os números de fracassos escolares, por isso, importa-nos discuti-la. Assim, o objetivo deste trabalho foi compreender possíveis motivos que levam à reprovação nesta escola. A metodologia utilizada teve como abordagem a perspectiva qualitativa, sendo de natureza aplicada. O universo de estudo desta pesquisa foi a escola da rede municipal de ensino E.M.E.I.E.F. Emiliano Pereira de Araújo, situada na zona rural do município de Caraúbas-PB e portadora de um alto índice de reprovação. Os sujeitos da pesquisa foram professora, pais/mães de alunos pertencentes ao 3º, 4º e 5º anos e que já haviam sido reprovados, encontrando-se em distorção idade-série, além dos próprios alunos em tal condição. As técnicas utilizadas para coleta de dados foram entrevistas para alunos e pais/mães e questionário para a professora. Os dados foram analisados de acordo com a técnica de análise de conteúdo. Os resultados mostram que, segundo as falas dos sujeitos, a reprovação ocorre pela falta de interesse em aprender, por parte dos alunos. No nosso entendimento, as constantes reprovações também desencadeiam essa ausência do interesse. No entanto, conclui-se que são fatores que promovem a falta de interesse pelos estudos por parte dos alunos, as lacunas na prática pedagógica e nos centros familiares em suas relações com escola e alunos, principalmente, no que concerne aos estímulos e promoção de incentivos.

Palavras-chave: Reprovação escolar; Causas da reprovação; Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A reprovação escolar é uma temática já muito discutida no âmbito da educação, mas ainda vem aumentando os índices de fracassos escolares, não sendo um problema solucionado. Pelo contrário, ao nosso ver mais complexa fica. Tendo em vista que, é algo dependente do envolvimento ou não de vários segmentos que participam direta e indiretamente da vida escolar do aluno.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Trazendo à discussão da Reprovação escolar na realidade em que vivo, é uma problemática que requer de nós e de qualquer docente, um olhar crítico. O desejo em discutir à reprovação partiu ao vermos uma distorção idade-série considerável em escola da zona rural do município de Caraúbas-PB, devido às sucessivas reprovações. Assim, a presente investigação é compreender possíveis motivos que levam à reprovação na escola em estudo.

METODOLOGIA

Este artigo trabalha numa perspectiva qualitativa e sua natureza é a aplicada, tratando-se de uma pesquisa exploratória.

O universo de estudo desta pesquisa diz respeito à escola da rede municipal de ensino, Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Emiliano Pereira de Araújo. Situada na zona rural do município de Caraúbas-PB, na qual apresenta um alto índice de reprovação.

Os sujeitos da pesquisa são os alunos pertencentes ao 3º, 4º e 5º anos, que já foram reprovados e se encontram em distorção idade- série. Estão com idade entre 11 e 15 anos de idade. São ainda sujeitos da pesquisa os pais destes e a professora que os acompanhou nas referidas séries durante anos consecutivos.

Para a realização desta pesquisa, as técnicas utilizadas foram entrevistas semiestruturadas para pais e alunos e questionário para professora. Para análise dos dados a técnica utilizada foi a técnica de análise de conteúdo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta parte do trabalho procuramos trazer para fomentar nossa discussão as falas dos sujeitos assim como contrapor com o que vários autores falam sobre os assuntos abordados nas questões das entrevistas e questionários. Foram utilizados nomes populares de plantas da nossa região para preservar a identidade dos alunos, como está exposto no quadro abaixo. Mulungu,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Mandacaru e Imbuzeiro são irmãos; Quixabeira, Pereiro e Imburana formam uma mesma família; Macambira pertence à outra e Juazeiro também a outra.

As perguntas elaboradas para entrevistas e questionário tiveram o cuidado em compreender os possíveis elementos que estão ocasionando a reprovação. A primeira pergunta foi “Como se sente na escola?” Foram coletas cinco (5) respostas positivas e três (3) negativas.

Apesar das respostas positivas serem maior em quantidade, o número de negativas é significativo e não deve ser ignorado. Saber como esses alunos se sentem na escola é um indicador de como é sua relação e visão sobre a instituição.

Desta maneira fico refletindo sobre o que Tognetta e Assis (2006) defendem, que é favorável à criança que permitamos que seja acolhida, sobretudo na dispensação do adulto. No que concerne auxiliá-la na busca de meios para resolver seus conflitos. É possível, através da fala de Macambira, compreender a delicadeza de ser professor, pois devemos está em constante alerta em relação ao que o aluno está sentindo e representando o que vive no ambiente escolar.

A segunda pergunta, ainda sobre a escola, visava saber dos alunos o que gostavam mais ou menos na escola. A categorização que efetuamos mostra que seis (6) alunos elegeram o recreio como o que gostavam mais e apenas dois (2) alunos citam momentos de atividades escolares como que gostavam mais.

É bem visível que o recreio é o que mais atrai os alunos. As atividades escolares ficam com uma pequena parcela. A partir daí, refletimos com Aquino (1999), quando nos diz que, a escola não deve limitar seu trabalho na transmissão de conteúdos acumulados ao longo da história da humanidade. Mas, sobretudo, deve se mostrar muito mais interessante para seus alunos, procurando contextualizar seus conteúdos com a realidade e necessidade dos participantes.

Na terceira pergunta nos interessava saber se o aluno se sentia motivado em ir à escola. Essa pergunta para nós pesquisadores teve muita expectativa. Pois, um ponto crucial para haver um bom trabalho na escola, culminando em um bom desenvolvimento do aluno, é que haja interesse. Para tanto, a pergunta elaborada foi a seguinte: “Você tem interesse em vir



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

para aula, sente-se motivado? Foram cinco (5) respostas negativas, duas (2) positivas e mais ou menos “uma” (1).

É inquestionável que a motivação para vir à escola é mínima por esses alunos. E neste espaço trarei a fala da família de Mulungu, Mandacaru e Imbuzeiro. Durante a entrevista surgiu a necessidade de perguntar se seus filhos nunca tiveram interesse em ir à escola, a mãe falou que “*Depois que ficaram grandes não gostaram mais. Quando eram pequenos gostavam*”. “Notas de diário de campo, 31 de janeiro de 2015”. Desta maneira, podemos inferir que as sucessivas reprovações sobre as quais os alunos estão sendo expostos, são elementos que os deixam enxergar a escola como algo enfadonho.

De acordo com Masetto (1997), no aspecto afetivo-emocional e pertinente que os alunos consigam para si “segurança pessoal, em busca de sobrelevar as possíveis inseguranças”. Que estes alunos sintam-se valorizados nas suas subjetividades, aprendendo a se relacionarem bem com o meio externo. Estes, eu considero como fatores significativos para que ocorra motivação dos alunos em ir à escola.

A pergunta seguinte foi “Quais momentos em que você se sente melhor durante as aulas?”

Numa tentativa de uma categorização podemos considerar que seis (6) alunos gostam de atividades típicas da educação escolar, um (1) gosta de todos os momentos e um (1) não gosta de nenhum. Este resultado foi animador. Tendo em vista que, apenas um aluno não se sente atraído por algum momento da aula. Propondo ainda mais atividades interessantes e desafiadoras, que, de acordo com Dante (2010), as atividades devem ter certo grau de dificuldade para dar mais empenho ao aluno em resolvê-la. Com isso, sua autoestima fica elevada, como também instiga a descoberta, sendo o aluno levado a pesquisar deixando de lado uma postura passiva e de conformação.

A próxima pergunta da entrevista foi: “Como é sua relação com a professora e colegas?”

As respostas evidenciam um fator desconfortável, no que diz respeito a uma relação entre sujeitos, que deveria ser harmônica e produtora de prazer em estar no ambiente escolar. Tendo em vista que quatro (04) alunos relataram não ter boa relação. De acordo com Freire (1996), o professor precisa ter “respeito à autonomia, a dignidade e a identidade do aluno” (p. 62).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Assim, entendo que ter dignidade e identidade é ter o direito de ser visto em sala, como um ser formação que requer cuidado e atenção.

Faz-se necessário que a escola, mais precisamente o professor tenha uma postura de cuidado e respeito pelo próximo e pelo serviço prestado a sociedade. Trata-se de uma prática que deve ser apagada. Freire (1996) aponta que o professor deve ter bom senso, uma postura de respeito, ética e dignidade para com os alunos, procurando na sua prática ser coerente.

Como já havíamos ouvido sobre os sentimentos do aluno em relação à escola, a relação professora- aluno e sobre as dificuldades existentes no processo de ensino-aprendizagem, isso visando já ter um olhar sobre o que poderia estar causando tal fenômeno (reprovação). Agora nossa intenção estava direcionada a compreender por parte dos alunos, qual a maior dificuldade em aprender. Tendo como pergunta “Na sua opinião, qual sua maior dificuldade em aprender?” Categorizamos em cinco grupos, mas no decorrer de nossa discussão vamos evidenciar alguns apontamentos em comum.

Dos oito alunos entrevistados, quatro (4) dizem que sua maior dificuldade no que diz respeito à aprendizagem está na aquisição da leitura. Enquanto um (1) aluno considerou que sua dificuldade estava na escrita. Outro em cálculo; um outro em leitura e cálculo; e outro aluno atribuiu suas dificuldades em leitura, escrita e cálculo. Temos que levar em consideração, que a dificuldade em relação à leitura está presente não apenas nos quatro alunos mencionados no início do parágrafo, mas em seis desses. Tendo em vista, que dois outros alunos atribuíram suas dificuldades não apenas à leitura, mas mesmo assim, ela também estava presente. Basicamente todas as respostas à pergunta acima expressa foram “*dificuldade na leitura*”. Assim esse número representa quase toda a turma, e, portanto, deve ter um olhar de urgência e extremo cuidado.

E esse cuidado deve perpassar, segundo Soares (2010), não apenas pelo ponto de vista da “dimensão individual de letramento” que se refere a decodificações de palavras e capacidade de compreensão do que se decodifica. Mas também, devem existir muitas possibilidades de leitura com diversos materiais, como em listas, dicionários, jornais, revistas, entre outros. Acreditamos que o trabalho com diversos gêneros textuais dão nortes para o desenvolvimento da leitura e escrita, como incluem de maneira harmônica o aluno no meio social letrado.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A última pergunta teve como estratégia, confrontar o que foi dito pelos alunos por meio das perguntas anteriores, à luz desta última que mencionarei logo abaixo. A pergunta estava voltada para a visão dos alunos em relação à reprovação. A pergunta foi a seguinte: “Na sua opinião, por que foi reprovado?”

Quatro (4) alunos entrevistados, o que corresponde à metade deles, responderam que foram reprovados por falta de interesse da parte deles. Três (3) atribuíram a reprovação, ao fato de não saberem ler e o último alegou não saber o motivo. Analisando a fala do que representa metade dos entrevistados, é possível entender que suas respostas estão incorporadas pelo que sociedade e família elegem como resultado da falta de interesse. Mas a título de ilustração dessa realidade, traremos para este espaço uma das perguntas e repostas realizada durante entrevistas com os pais. Quando perguntados o que os filhos faziam quando não estavam na escola todas as quatro famílias responderam que seus filhos trabalhavam. Agora imaginemos, se uma criança chega da escola, guarda seus materiais escolares e vai trabalhar, chega à noite, vai dormir, de repente é dia, hora de ir para escola. Agora nos perguntemos que tempo tem para realizar uma atividade, que ânimo, que motivação esse aluno terá em vir à escola? Não existem na sua vida, no ambiente externo à escola, situações que propiciem o envolvimento dos alunos com o saber.

Durante entrevistas com as famílias, foi perguntado se eles ajudavam seus filhos a realizarem as atividades de casa. Todas as quatro famílias responderam que não ajudavam pelo fato de não saberem. De acordo com Piotto (2008), o fato dos pais de alunos terem vivido circunstâncias de inferioridade na escola, podem transmitir para seus filhos esse sentimento de frustração. Assim como as situações de fracasso vividas pela família, podem configurar-se também para filhos, pode ocorrer, segundo a autora, o contrário, situações de sucesso e superação.

Como exemplo, traremos uma situação que Heloisa Ramos em reportagem na Revista Nova Escola (2012) mostra. Um exemplo de uma mãe analfabeta, mas muito preocupada com a formação da filha, procura outras pessoas para ajudá-la nas atividades de casa e tem sido uma experiência bem sucedida. Piotto (2008) também traz no seu trabalho uma experiência



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

exitosa de sucesso escolar e ressalta que tanto as situações imbuídas no sucesso, quanto no fracasso são transmitidos por meio de sentimentos.

Também foi perguntado às famílias se eram alfabetizadas. Todas informaram que sabiam ler muito pouco, a respeito da escolaridade todas as mães e um pai informaram que leem pouco, quase não escrevem.

Procurando saber a visão e relação da família com a escola, perguntei “O que acha da escola de seu filho?” As repostas foram todas positivas e afirmam que seus filhos tem falta de interesse.

O que observamos de mais grave de toda situação, é que esses alunos não possuem um ambiente externo à escola que potencialize o desejo de aprender e instigue a importância da escola na vida. Assim, por não terem criticidade desses acontecimentos, dos quais estão envolvidos, trazem para si e reproduzem tal situação. Outro ponto pertinente é o fato que esses alunos já se encontram na adolescência, seus anseios financeiros sobressaltam o ato de aprender. Tendo em vista, que suas famílias não conseguem financeiramente, dar o suporte a seus filhos, estes por sua vez, veem a necessidade de ter bens materiais e ajudar seus pais. Essa é a realidade na qual estão envolvidos os sujeitos dessa pesquisa.

Paro (2001) mostra que, de fato a reprovação, muitas vezes, na nossa realidade surge como incompetência do aluno. E este por ser desprovido de uma visão apurada, crítica, acaba por incorporar que realmente é sua incompetência e sua falta de interesse. Concordo com essa posição do autor, percebemos esta realidade nos posicionamentos dos alunos entrevistados.

“Para você, para que serve a escola?” Esta foi uma das perguntas realizadas às famílias. Numa maneira de categorização de grupos, aparecem os seguintes: Saber ler; Ter o saber; Para estudar; Ter educação. Para família de Imburana, Quixabeira e Pereiro o papel da escola resume-se apenas ao ato de propiciar ao aluno o ato da leitura. Pereira et. ali (2013) também realizaram pesquisa que aparecem respostas semelhantes a essas da nossa, nas quais estão presente o entendimento, como sendo a escola, algo prioritariamente reservado para ensinar e aprender conteúdos ministrados pelo professor.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Assim sendo, reduzindo a função da escola a apenas esta atribuição, o aluno que não adquire tal competência, ver-se desestimulado e incompetente. As famílias compreendem a escola como espaço para estudar, ter educação.

Para Masetto (1997), a instituição escolar surge ao longo da história como utilidade, no que diz respeito, à reprodução dos conhecimentos acumulados pela humanidade, suas crenças, conquistas sociais, valores, entre outras. E ainda, a escola é um espaço, no qual professor e aluno trabalham buscando circunstâncias propícias ao desenvolvimento nas mais variadas áreas, como “cognitiva, afetivo-emocional, motora, social e profissional” (p.21). Assim, a escola e seu trabalho ganham um sentido muito mais abrangente, como deve ser. Pereira et. ali (2013), também realizaram pesquisa que aparecem respostas semelhantes a essas da nossa, nas quais está presente o mesmo entendimento, como sendo a escola, algo prioritariamente reservado para ensinar e aprender conteúdos ministrados pelo professor.

Também foi perguntado às famílias “Que incentivos dá para seu filho (a) vir à escola?” As famílias afirmam que não queriam que seus filhos tivessem o mesmo futuro que os seus.

Piotto (2015) evidencia posições pertinentes que se configuram na fala desta mãe. A autora mostra que, o aluno ao tentar alimentar o anseio da família em crescer socialmente na vida, pode estar se envolvendo em um sentimento de negação das características peculiares a família. O que na visão da autora, configura-se em um rompimento com a própria instituição familiar.

Já entendemos as posturas dos sujeitos alunos, sujeitos pais e agora é o momento de trazer à discussão as respostas do sujeito *professora*, coletadas por meio de questionário. Como se trata de apenas uma professora, traremos em um texto corrido as informações e em seguida discutimos sobre. A professora tem 55 anos de idade contabilizando 31 anos de profissão, tem o curso superior em Pedagogia. No momento da entrevista encontra-se aposentada.

Em seu posicionamento desabafa questionando que a comunidade, na qual a escola está inserida não valoriza o trabalho do professor. Quando perguntada sobre estratégias de trabalho, elenca a utilização de livros didáticos, cartilhas antigas, pois acredita ser melhor de trabalhar e projetos temáticos sugeridos pela supervisora. Na sua prática de sala de aula,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

organiza-se realizando atividades na lousa, faz leitura individual com os alunos e interpreta textos. Não foi possível perceber em sua prática pedagógica uma preocupação com a construção e reconstrução do conhecimento.

Sente mais afinidade com a disciplina de Ciências. E quando perguntada sobre a existência de dificuldades em trabalhar algum conteúdo, afirma que trabalhar a matemática contextualizada é seu problema.

Mais uma vez a falta de interesse surge como elemento propiciador da reprovação escolar. Esta mesma afirmação surge na fala de alunos, de pais e professora. Mas guardaremos esta questão para mais adiante, vamos discutir as outras e fecharmos esta parte com esta questão. Aquino (1996, p.52) diz que “crianças e jovens, por incrível que pareça, são absolutamente ávidos pelo saber, pelo convite a descoberta [...] desde que sejam instigados [...]”. Concordo ainda com o autor quando mostra que o envolvimento depende de como e trabalhado e dirigido o conhecimento sala de aula. E como é possível observar, os recursos e estratégias utilizados pela professora podem e devem não estar trazendo um entusiasmo na busca pela aprendizagem.

Candau (2000) nos mostra que é tarefa primordial da escola ver e compreender a realidade, e assim, encontrar os problemas que estão perturbando a comunidade. E que, portanto, irá também perturbar os alunos. Desta maneira, a escola cabe trabalhar com o real, o concreto, trabalhando a partir de resoluções de problemas. Concordamos com a posição da autora, assim como, acreditamos ser esse um dos pontos chaves para envolver os alunos nas atividades escolares e na própria vida.

O fato da dificuldade em trabalhar com a matemática contextualizada, pode ser evidenciada pelas respostas dos alunos anteriormente, em relação às dificuldades em aprender. Quando o cálculo foi citado por quase metade dos entrevistados, isso nos faz inferir que o fato da professora sentir dificuldade em contextualizar, a aprendizagem do aluno fica comprometida, pois está condicionada a uma matemática fragmentada, estereotipada.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A respeito disso, Cury (2003), diz que o professor deve educar para vida e tem o poder da revolução nas mãos, e que ninguém sabe mensurar o poder existente, nem mesmo o professor. Seus alunos conseguem algo fascinante que é a consciência crítica.

CONCLUSÕES

O objetivo da pesquisa foi compreender possíveis motivos que levam à reprovação nesta escola. Assim na visão da maioria dos sujeitos participantes da presente pesquisa, a causa da reprovação é a falta de interesse do aluno em aprender. Verificando os posicionamentos dos sujeitos nas respostas foi possível compreender que existe sim uma falta de interesse por parte dos alunos. Mas, o que esses sujeitos ainda não se deram conta é que a culpa recai para quem menos tem culpa.

Somos todos seres sociais, dotados de experiências e influências do meio. Se o meio em que esses alunos estão inseridos não os estimula a enxergar a importância e valorização do trabalho da escola, a família não vive o processo de escolarização com seu filho. Se em casa não há uma extensão da escola, de que maneira o aluno terá interesse? Mandar um filho ir à escola, como foi dito por uma família, jamais se configurará em incentivo.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1999. 229 p.

CANDAU, Vera Maria.(org.) **A didática em questão**. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 128 p.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. 171 p.

DANTE, Luiz Roberto. **Formulação e resolução de problemas de matemáticas: teoria e prática**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2010. 191 p.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

MASETO, Marcos Tarciso. **Didática: a aula como centro.** 4ª ed. São Paulo: FTD, 1997. 111 p.

PARO, Vitor Henrique. **Reprovação escolar: renúncia à educação.** São Paulo: Xamã, 2001. 168 p.

PEREIRA, J. D. ; SOUZA, I. R. A. S. ; MAKNAMARA, Marlécio., **Pais educam e a escola complementa: funções da escola segundo pais e mães natalenses**, VII Colóquio da Associação Francófona Internacional de Pesquisa Científica em Educação AFIRSE/Secção Brasileira, Mossoró, 2013, p. 1-13.

PIOTTO, Debora Cristina. **A escola e o sucesso escolar:algumas reflexões a luz de Pierre Bourdieu.** Disponível em:<http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/debora_piotto.pdf>. Acesso em: 16 fev. de 2015.

PIOTTO, Debora Cristina. Trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 135, p.701-727, set./dez. 2008. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n135/v38n135a08.pdf>>. Acesso em: 16 fev. de 2015.

RAMOS, Heloísa. **Como pais analfabetos podem ajudar os filhos nas atividades escolares?** RevistaNova escola. Ed. 255, setembro de 2012. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/como-pais-analfabetos-podem-ajudar-filhos-atividades-escolares-704663.shtml>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 128p.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de. A construção da solidariedade na escola: as virtudes, a razão e a afetividade. **Educação e Pesquisa**. [online]. Vol.32, n.1, p.49-66, jan./abr. 2006. ISSN 1517-9702. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n1/a04v32n1.pdf>>